

Editorial

11 FEV 1988

Fim de Linha

Anc p10

A reaparição dos "pianistas" em plena votação de artigos constitucionais é um acorde sinistro no panorama já suficientemente nublado da política brasileira. Uma emenda sobre o direito à propriedade teve voto do deputado Sarney Filho, que logo se verificou estar a muitos quilômetros de distância, em São Luís do Maranhão.

Fatos como este podem causar um prejuízo irreparável e incalculável. Não está em votação uma lei qualquer, e sim a lei por excelência, a que dará ao país as suas linhas mestras, a sua estrutura geral. Fraude numa assembleia de vereadores já seria muito grave; que dizer da falsidade aplicada à Constituinte?

Em algum momento teremos de ressarcir-nos de todos esses abalos morais. O país passou por peripécias movimentadas nos últimos anos. Entrou em crise simultaneamente em todos os setores; e o barulho de uma ala interfere nas outras.

Mas há certos limites que não podem ser ultrapassados. A invocação a São Francisco feita por um líder do *Centrão* foi uma dessas instâncias, acarretando um espantoso potencial de desmoralização. Agora aparece o Sr Sarney Filho votando sem estar presente.

O que esperam os constituintes de uma carta

votada nessas condições? Até onde se imagina que ficará silenciosa ou inativa a indignação nacional? O brasileiro tem fama de tolerante; desenvolveu, também, uma certa psicologia fatalista, que é decorrência direta da quantidade e da antiguidade dos problemas que temos de enfrentar.

Mas há alguns episódios que clamam aos céus, alimentando uma ira cívica que um dia se manifestará. A invocação despropositada e sacrílega da oração de São Francisco foi um deles. A volta dos "pianistas" — e no plenário da Constituinte — é um outro. São fatos que não admitem desculpa, e que deveriam estigmatizar os que os praticam.

Se há um momento para que o país tome vergonha, é exatamente agora. Mais um passo em falso, mais uma complacência com o despudor completo, e não teremos coragem de ler, daqui a dois ou três anos, a crônica desse período da vida brasileira. Um país totalmente desprovido de senso moral não põe de pé uma caixa de fósforos. É a essas extremidades impensáveis que estamos sendo empurrados, por obra e graça de um ou outro pândego. É preciso dar um basta nessa descida de ladeira. Ou então declarar em cartório, na presença do tabelião, que o país não é sério, e deve voltar a ser colônia do primeiro candidato a donatário.

JORNAL DO BRASIL